

# Crianças e bebês em interação na creche

## *Children and babies in interaction in daycare*

Cisele Ortiz\*

**Resumo:** Este artigo propõe conversar sobre a prática da observação de crianças inscritas em situações sociais coletivas na creche. A partir da caracterização do ambiente creche como um bom lugar para crescer, se desenvolver e aprender, é proposta a observação como uma forma básica de acolher as crianças em interação. Por meio da análise de alguns fragmentos de vídeos, é possível evidenciar uma concepção de criança capaz e competente na busca da sua constituição psíquica sustentada por uma relação significativa com o Outro.

**Palavras-chave:** Bebê. Interação. Creche. Observação.

**Abstract:** *This article proposes the observation of children that are introduced to collective social situations in daycare centers. From the interpretation of the daycare environment as a good place to grow, develop and learn, it is suggested the observation as a basic form of embracing the children when in interaction. Through analysis of video fragments, it is possible to highlight a conception of a child that is capable and competent in the search of his/her psychic constitution because of a significant relationship with Another.*

**Keywords:** *Baby. Interaction. Daycare. Observation.*

---

\* Psicóloga, especialista em Educação Infantil. Coordenadora adjunta do Instituto Avisa Lá – Formação continuada de educadores.

Como psicóloga, professora e defensora dos direitos da criança, principalmente do direito à educação, à cultura e à convivência comunitária, gostaria, neste artigo, de destacar que a creche pode ser um bom lugar para que as crianças pequenas convivam entre si, e com adultos competentes para acompanhar seu desenvolvimento e aprendizagem.

Há vinte anos a Educação Infantil tem avançado em suas concepções e práticas. Graças aos esforços coletivos, tanto da universidade, como dos grupos de atuação na formação de professores e nas políticas públicas, começamos a identificar necessidades formativas que pudessem modificar as concepções entranhadas no cotidiano das creches. Por enquanto o discurso está mudando, mas as práticas não o acompanharam *pari passu*. Além de construir conhecimentos sobre desenvolvimento infantil e processos de aprendizagem, é preciso investir em uma perspectiva formativa que valorize o conhecimento que vem da análise das práticas.

Não basta dizer que a criança é protagonista, que ela tem hipóteses e é produtora de cultura, nem que os bebês são competentes e capazes de lutar e conquistar a sua autonomia. Precisamos evidenciar como isso acontece no cotidiano das creches, também qual é o tipo de organização de propostas que favorecem as crianças e quais intenções declaradas estão presentes na complexa jornada dedicada às crianças.

Em uma creche estão presentes diversas realidades diferentes: a da comunidade, a das famílias, a dos professores, a das Secretarias de Educação. Que tipo de conexão há entre essas realidades? Qual é a sua influência sobre as crianças? Como os adultos se colocam frente às crianças? Como organizam os ambientes? Como as proposições são planejadas e acompanhadas? Há uma rotina prevista? Qual a participação da criança nessa rotina?

Quando adentramos o interior de uma creche, tudo isso nos salta aos olhos. À primeira vista, podemos entender o que chamamos de “complexo”. Nossas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) tratam da complexidade quando nos apresentam os princípios éticos, estéticos e políticos que devem permear o nosso trabalho pedagógico.

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da

criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (DCNs).

Esses princípios, embora sejam claros e nos digam qual é a razão de ser da Educação Infantil, não são observáveis facilmente nem podem ser traduzidos pela simples definição das palavras. É nas interações que esses princípios transparecem. Seja na comunidade, na família ou na creche, eles são encarnados na complexidade do cotidiano e nos afetos envolvidos nas relações.

A abordagem sistêmica de educação retrata a significância do todo.

Uma observação: não podemos tomar uma parte pelo todo, e nem tomar o todo por uma parte. A creche precisa ser vista como um sistema, cujas “estruturas específicas resultam das interações e interdependência de suas partes” (CAPRA, 1995, p. 260). A observação e a descrição inseridas no ciclo de aprendizagem da criança complementam-se quando nos possibilitam compreender os fenômenos, refletir sobre a experiência e identificar a nossa implicação no processo, para poder estabelecer as conexões que nos ajudam a planejar. Hoje sabemos a importância de uma documentação que acompanhe a criança e, simbolicamente, possa traduzir seu envolvimento com a vida na creche e com o comunicar para a família de forma significativa.

A prática pedagógica nas creches é encarnada em um determinado contexto. O professor é elemento integrante desse fenômeno e, sozinho, não consegue o distanciamento necessário para compreender em que está inserido. É preciso auxiliá-lo a observar a si mesmo, a identificar suas tendências e seus padrões, para que possam ser “descontextualizados”, extrapolados daquela ação ou atividade específica, gerando uma nova aprendizagem, que possa ser utilizada em um novo contexto diferente; ou seja, generalizada, podendo tornar-se princípios e diretrizes.

Mas o que torna alguma coisa observável? Seriam as indagações que fazemos sobre ela? A observação leva-nos a iniciar um processo de reflexão e mudança, tão importante para que nós, profissionais de diferentes áreas, possamos garantir o desenvolvimento das crianças. É necessário aprender a perguntar, para poder observar. Por meio das perguntas, podemos orientar a observação, pois a creche tem propósitos diferentes de outros contextos de observação. As perguntas dão-nos a sensação de que teremos algum resultado. Dificilmente contamos com o imprevisto, porém ele mostra-nos caminhos a serem trilhados e onde existem desvios.

(...) A observação é um processo complexo por não conseguir abarcar tudo e pela multidimensionalidade das coisas que por ela transitam, interna e externamente. Quantas vezes, porém, olhamos sem ver, ouvimos sem escutar; porque, para ver e escutar sem contaminações é necessária uma paciente passividade e abertura, uma consciente predisposição e atenção (HOYUELOS; RIERA, 2019, p. 77).

Alguns pontos importantes na observação podem ajudar-nos a criar consciência de nossas próprias sensações, impressões, preconceitos. Quanto mais focarmos a nossa atenção naquilo que elegemos como objetivo da observação – ou seja, na escolha de uma pergunta orientadora à observação –, mais abertos estaremos ao que efetivamente pode acontecer, teremos mais informações sobre a situação observada e poderemos formular uma interpretação que nos conduza a uma compreensão mais aprofundada do que está sendo observado.

Para pensar na creche como primeiro espaço social do bebê, é preciso aprender a observá-lo em interação. Penso que é preciso definir algumas diretrizes para isso:

*Um olhar sobre as crianças:* um olhar generoso, sobre as competências das crianças, o que elas revelam aqui e agora, e não como promessa de futuro. Acreditar na potência desse olhar significa focar naquilo que os bebês são capazes de realizar, nas suas ações positivas, nas suas fortalezas, nos seus modos de ser e estar na creche. Isso é crucial para a formação de vínculos. As crianças precisam ser rodeadas de adultos que as vejam desta forma. Portanto, é papel da creche deixar isso evidente para todos. As Diretrizes Curriculares Nacionais definem a ideia de criança e ajudam-nos a pensar nessa direção.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (DCNs).

*Um olhar sobre as famílias:* consideramos que a relação com as famílias ainda necessita de muito investimento, pois aquelas usuárias da creche não são vistas como parceiras. Ainda que há muito tempo esteja definido na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que a Educação Infantil é complementar à Educação Familiar, pouco se sabe e pouco se busca saber sobre o que as famílias pensam a respeito da educação de crianças pequenas, o que elas acreditam para

seus filhos e o que elas pensam sobre o papel da creche na vida dos bebês. As famílias são julgadas com facilidade. É objetivo das creches acolher e escutar as famílias, para que se mude o destino da criança, além de tornar-se o melhor lugar para a presença dela. Por mais que a creche seja um direito da criança, não é ela que decide se vai ou não lá; nem para qual creche vai. A criança já chega à creche com um histórico que precisa ser conhecido; histórico que inclui a cultura familiar – o que seria garantido por uma conversa verdadeira, por uma interlocução, por uma troca de sentidos, buscando o melhor para as crianças. A creche é o único equipamento público em que a criança está diariamente; portanto, é o que tem mais condições de acolher a família nas suas necessidades e encaminhar e acompanhar aquelas que a creche não consegue resolver sozinha. A creche precisa olhar para si mesma para acolher a diversidade, em uma relação de respeito com cada pessoa que a habita simbolicamente.

*Um olhar sobre a creche:* as concepções presentes na creche estão encarnadas na organização do espaço físico, da rotina, nas experiências oferecidas às crianças, nas materialidades presentes e nas interações. Esses cinco âmbitos criam um ambiente propício ou não para a criança poder desenvolver-se. Algumas pesquisas mostram que se esse ambiente não for de qualidade, pode ser até prejudicial às crianças. Por isso é fundamental que seja um foco da formação permanente. Ter o compromisso de mudar a realidade das creches sempre para melhor faz parte de um olhar generoso para com a criança. Antes de mais nada, os professores são responsáveis por defender o direito das crianças por uma educação de qualidade, capaz de garantir sua saúde, seu bem-estar, o acesso à cultura, à aprendizagem e ao desenvolvimento.

*Um olhar sobre a comunidade:* uma creche que acolhe a diversidade precisa identificar o que faz parte daquela cultura local, como a comunidade pode sentir-se pertencente àquela creche e a creche pertencente à comunidade. Nesse sentido, ela torna-se um polo cultural nesta, pois identifica seus recursos positivos e tem a capacidade de disseminá-los. O sentido de pertencimento faz com que a comunidade entenda a creche como sendo sua. E, desta forma, cuida dela e participa da sua vida.

*Um olhar sobre a cultura:* a criança tem direito à interação, mediada por uma cultura rica e diversificada. Valorizar a dimensão cultural humana é alimentar-se de ética e estética para atender a criança. Para as crianças, é fundamental brincar, dançar, desenhar, ouvir histórias. Toda expressão artística interfere no modo de ser das crianças e valoriza a sua capacidade imaginativa e de compreensão do mundo. Quando apresentamos para as crianças propos-

tas culturais que rompem com o que é produzido e massificado pelas mídias, damos a elas a oportunidade de lidar com novos sentimentos, novas sensações e ideias; ou seja, interferimos em sua subjetividade, possibilitando uma formação estética, uma nova forma de olhar a realidade, alimentando a imaginação criativa.

Considerando esses olhares, que colocam em evidência a complexidade, podemos, agora, deter-nos um pouco mais ao papel das interações entre crianças para a aprendizagem delas mesmas:

Nosso interesse pelo estudo do desenvolvimento psicológico das crianças pequeninhas levou-nos, há algum tempo, a observá-las em creches. Desde o início, pudemos ver que, sob certas condições, crianças antes mesmo dos 2 anos muitas vezes se agrupam em duas ou três para realizar atividades em comum, comunicando-se bastante entre si, estabelecendo frequentemente relações muito harmoniosas. Essas observações surpreenderam-nos muito, pois até então compartilhávamos da opinião geral segundo a qual as trocas entre pequeninhos eram pobres e escassas, de pouco interesse para seu desenvolvimento psicológico (STAMBACK, 2011, p. 1).

Estamos vivenciando um momento importante, no qual a centralidade do adulto nas práticas pedagógicas deve ser substituída por aquelas nas ações e ideias da criança, conforme apontado pela BNCC<sup>1</sup>, o que justifica o interesse atual por observar as crianças em interação. Essa observação pode ocorrer de diversas maneiras, sob diferentes abordagens metodológicas. Nas creches, as crianças estão sempre em grupo. Os momentos mais individualizados referem-se às ações de cuidado pelos adultos. Observar as crianças nas creches é uma forma de estarmos mais próximas delas, de seus interesses e de suas necessidades.

Não estou referindo-me aqui a uma pesquisa científica, mas olhando para a observação como uma ação inerente ao papel do educador em seu dia a dia de trabalho.

---

<sup>1</sup> Base Nacional Comum Curricular, documento normativo oficial para a elaboração dos currículos dos municípios e escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio. <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>.

A BNCC da Educação Infantil traz a ideia de uma criança potente que necessita da intervenção pedagógica qualificada para exercer todos os seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento por meio das brincadeiras e das interações, organizadas em campos de experiência.

Evidentemente, as crianças estão em ambientes organizados pelos adultos. E os menorezinhos, os bebês de 0 a 2 anos, costumam estar sempre juntos, ou, no máximo, divididos em dois agrupamentos. Em situações específicas, como troca de fralda ou roupa, banho e alimentação precisam ser tratados individualmente e, para que isso aconteça, esses ambientes costumam estar organizados com brinquedos e materiais de largo alcance<sup>2</sup> onde permanecem aqueles bebês que não estão nessa situação de atenção individual.

As educadoras fazem observações das crianças com algumas finalidades: poder elaborar um relatório a ser discutido com as famílias, elaborar relatório para acompanhamento da instituição e ainda para ter uma documentação de acompanhamento das aprendizagens das crianças, relatando seu trabalho. Muitas vezes os coordenadores pedagógicos também observam. Portanto, a prática de observação existe, mas carece caracterizá-la como uma pesquisa, mesmo que informal, pois acontece no momento da ação. A valorização de conhecimento produzido pela prática precisa estar disponível para todos. E sistematizá-lo, a partir das observações, é uma contribuição fundamental.

Algumas observações são de situações absolutamente espontâneas das crianças, e estas são as mais interessantes para tratarmos de interação. Algumas vezes o foco das observações cotidianas está no uso dos brinquedos ou nos movimentos que realizam, também na linguagem emergente. Interações costumam ser foco de observação a partir dos 2 anos de idade, quando as crianças demonstram ou organizam mais claramente situações de jogo simbólico. É também comum valorizar mais algumas expressões infantis do que outras, como o movimento e a linguagem, deixando de lado as questões expressadas pelos gestos, olhares e interações, mesmo que com algumas imperícias motoras por parte das crianças. Observá-las é uma forma de escuta e um direito.

Como ressalta Graciela Montes:

As distintas maneiras como cada um se relaciona com a sua própria infância, o modo como a repara e a reconstrói dia a dia, esforçada e arduamente, acaba desenhando, como demonstra a

---

<sup>2</sup> Segundo Leontiev *et al.* (2016), os materiais de largo alcance mobilizam as crianças para variadas ações, possibilitando uma verdadeira criação. A capacidade de inventar das crianças é valorizada de outra forma, diferente do que ocorre com brinquedos comerciais, os quais definem a forma de brincar. Panos, caixas de papelão, areia, terra, galhos de árvores, potes diversos, por exemplo, são considerados materiais de largo alcance.

psicanálise, uma história pessoal. Do mesmo modo, as diferentes maneiras com que os pais se relacionaram com seus filhos em momentos distintos da história das culturas, a maneira como os adultos se colocam diante das crianças em uma determinada sociedade, as variadas formas que essa relação fundamental foi adquirindo acabam desenhando uma história da infância (MONTES, 1999, p. 34 *apud* LÓPEZ, 2018, p. 19).

Seria a creche local privilegiado para aprender por meio de interações? Seguindo o que Graciela Montes nos traz, entendemos que a creche oferece a oportunidade para todos, sejam adultos ou crianças, de interagirem entre si, construir uma nova “comunidade” que traga novos afetos, leituras de mundo; representações que enriquecem e entrelaçam as histórias individuais. A creche nada mais é do que diversas histórias de infância entrelaçadas, constantemente se construindo. Como lidar com essas histórias, como as respeitamos e as valorizamos? Como contá-las? A creche sendo um local onde coletivamente essas histórias podem ser contadas com referências culturais e humanidade faz muita diferença na vida das crianças. E comunicar esse ideal à sociedade, expondo a criança pequena e o bebê em evidência nas interações, é de primordial importância.

Como observar as interações entre as crianças? Por que observar? Como essas interações afetam seu desenvolvimento e aprendizagem? Quais condições favorecem a interação?

Estas são as perguntas que podem nos mover na busca de uma aproximação com as crianças e compreensão do real papel das interações. Sabemos que os relacionamentos pessoais interferem no nosso modo de ser, pensar e viver. Por que isso seria diferente para as crianças, se o próprio Wallon diz que as somos “geneticamente sociais”? Ou seja, tornamo-nos humanos pela cultura, pela linguagem, mas sem o orgânico não nos sustentamos. A cultura acaba por modelar comportamentos que são transmitidos geneticamente.

Quando nascem e são cuidadas por uma pessoa, rapidamente elas percebem quais são os gestos ou sinais que podem levar a um sucesso ou fracasso no atendimento personalizado de suas necessidades; ou seja, a criança modula seus gestos em função da resposta do outro. O gesto passa a ser expressivo e intencional, tanto que, com três meses, as crianças parecem conversar por meio de sorrisos, movimentos, choros etc.

Conforme salienta Isabel Galvão:



A possibilidade de atender simultaneamente à formação do indivíduo e à construção da sociedade repousa num princípio central da psicologia walloniana – a reciprocidade de ação entre o ser vivo e o seu meio. No caso do ser humano, o meio social sobrepõe-se ao meio físico e biológico e é responsável pelo nascimento do psiquismo na criança; por isso a definição walloniana do homem como ser geneticamente social. A consciência individual não é um fato primitivo; ela é resultado das trocas e confrontos da criança com o seu meio. A dependência absoluta do recém-nascido em relação ao meio humano e a natureza emocional das relações que se estabelecem entre ambos demonstra o estado de indiferenciação em que se encontra a criança no início do desenvolvimento. A progressiva redução da inabilidade instrumental acompanha o processo de diferenciação da criança em relação ao meio, tornando-a progressivamente autônoma para resolver parte de sua sobrevivência sem o auxílio direto de outra pessoa. Mas a participação do meio social na vida psíquica nunca se extingue – mantém-se pelo contato entre os indivíduos e pelo contato com os produtos da cultura (objetos, utensílios, escrita, arte). A qualidade dessas relações é determinante na construção do conhecimento e na formação da personalidade (GALVÃO, p. 35).

Para evidenciar a importância da observação e análise de situações com crianças em interação, proponho aqui alguns fragmentos de vídeos, que podem nos trazer observáveis de quão importante é essa vida coletiva, mesmo para crianças pequenas, e o quanto elas aprendem umas com as outras.

Proponho que assistam aos vídeos indicados em cada episódio, para depois ler o que pude trazer à tona com o meu olhar.

## FRAGMENTO 1 – EM BUSCA DE BRINCAR JUNTO

<https://www.magdagerber.org/blog/magda-gerbers-rie-philosophy-basic-principles>

A RIE (site <<https://rie.org/>> *Resources for Infant Educators* - Recursos para Educadores/Cuidadores de Crianças) é uma rede de profissionais, dedicada à capacitação de pais e educadores para que possam fornecer às crianças um começo de vida seguro, respeitoso e saudável. A metodologia *Educaring* (“Educando com cuidado”), desenvolvida por Magda Gerber e Tom Forrest, em 1978, afirma que o cuidado educa as crianças sobre si mesmas. Cuidar deve ser

o currículo nos primeiros momentos da vida e o pai/mãe ou educador é o educador-cuidador. Abaixo analisaremos um vídeo dessa metodologia.

(Vídeo) <<https://www.youtube.com/watch?v=4cxWrdtLwNo>>

Dois bebês estão sentados um em frente ao outro, uma menina de calça rosa e camiseta branca e outra de camiseta rosa e calça verde listrada. Ao lado da menina de camisa branca, há uma mulher adulta, sentada, provavelmente sua mãe, observando a interação entre elas.

A menina de camiseta rosa tem, na mão, uma corrente de plástico e chacoalha-a na frente da outra menina, olhando diretamente para ela; em resposta, a de branco começa a bater o objeto que tem em suas mãos. Sem largar a corrente que tem na sua mão direita, a menina de rosa pega com a mão esquerda o objeto que a de branco tem na mão direita. Parece que está oferecendo a corrente para ela. A menina de camiseta branca, por sua vez, tem na mão um objeto e está batendo neste. A menina de rosa pega esse objeto da mão dela e a menina de branco o entrega sem reclamar (e fica observando a brincadeira da outra com o objeto). A menina de rosa chacoalha o objeto, como estava fazendo com a corrente; o objeto cai no chão e a menina de branco pega-o de volta. Imediatamente, a de camisa rosa toma o objeto das mãos da de branco e leva-o à boca, pareceu-me que estava dando-lhe um beijinho. Nesse momento, percebe-se que este objeto é um boneco de um marinheiro. A menina de camisa rosa oferece o boneco à menina de branco, parecendo que quer que o beije também. A mãe põe a mão entre a criança de branco e o boneco, e sussurra à menina de rosa “*gentle*” (“gentilmente”). A menina de rosa olha para a de branco, mas oferece o boneco à mãe, pega-o novamente, dá-lhe um beijo e repete a oferta para que a menina de branco o beije também. A mãe volta a interferir na oferta, repetindo a palavra *gentle*, mas, ao mesmo tempo, oferece a mão para pegar novamente o boneco. A mãe pega o boneco, agradece a menina de rosa e faz um movimento, como se sentindo o peso do boneco. A menina de rosa segue insistente na oferta do boneco à de branco, enquanto a mãe continua interferindo com a mão. Intencionalmente, a de rosa tenta pôr o boneco na boca da de branco, inclusive empurrando a mão da mãe com o boneco para “livrar o caminho”; em seguida, sem obter reação da de branco, tenta colocar o boneco na mão desta, que não demonstra intenção de pegar o boneco. Então a de rosa coloca o boneco na mão da mãe, como se demonstrando de que maneira a de branco poderia fazer, e volta a oferecer o boneco para a de branco, colocando-o no seu colo. A de branco ignora o boneco que rola para o chão. A

de rosa pega o boneco do chão, dá-lhe um beijo e joga-o com força no chão, vira de costas para a câmera e sai da brincadeira.

O que podemos ver nesse curto vídeo sobre a interação entre os bebês?

Entre outras coisas, podemos ver o quanto as crianças buscam brincar juntas, mesmo tendo apenas meses de vida. Como é interessante observar, a reação de cada bebê, parecendo ter mais ou menos experiência em interação. A brincadeira em comum exige uma interpretação da ação do outro e parece que a menina de camisa rosa tinha mais experiência em interações com adultos e crianças do que a de camisa branca, demonstrando, inclusive, dar um exemplo juntamente à mãe da outra menina de como esta deveria aceitar o boneco.

Crianças brincam de maneiras diferentes, de acordo com os objetos que têm à disposição. Nessa fase, a interação dá-se muito pelo olhar, por demonstrações de ações, por tentativas de fazer-se compreender, por balbucios (tipo “dá”).

## **FRAGMENTO 2 – MENINOS INTERAGINDO NA CAIXA COM TUBO DE PAPELÃO – CEMPI ALFREDO BERGAMO – MOGI MIRIM 2018**

**<<https://vimeo.com/713672890/8501738384>>**

No vídeo, vemos dois bebês, um de azul e um de vermelho, sentados um de frente ao outro, dentro de uma caixa de papelão e com um tubo de papelão (tipo de papel-alumínio) nas mãos. O de vermelho está com a boca dentro de uma das extremidades do tubo, enquanto o de azul segura a outra extremidade com as mãos, olhando para o tubo de boca aberta. O de azul leva sua extremidade do tubo à boca e, por um momento, os dois bebês olham nos olhos um do outro, enquanto têm suas bocas no tubo. O de azul põe a mão na extremidade do tubo do de vermelho, que o solta; o de azul, imediatamente, pega-o, sem parar de olhar para o de vermelho, levando à boca a extremidade, que antes era do de vermelho. Ambos fazem essa troca sete vezes, nos trinta segundos da filmagem. A cada vez que põem a boca no tubo, fazem som ritmado de “uh,” com o de azul balançando o corpo e a cabeça ao ritmo.

Esse vídeo é incrível, pois em quarenta segundos, os meninos conseguem mostrar-nos que são capazes de fazer uso do mesmo brinquedo compartilhado e há troca entre eles, respeitando o ritmo de cada um.

Inventam uma brincadeira juntos.

### FRAGMENTO 3 – EDUCAÇÃO INFANTIL NO JAPÃO

<<https://www.youtube.com/watch?v=-SazjvIWqBo>>

Neste vídeo, vemos que a disputa pelo ursinho de pelúcia não envolve agressões físicas às outras crianças, que apenas tentam puxar o ursinho para si. Quando indagam à professora o porquê de ela não ter interferido na disputa, sua resposta é a de que, ao interferir, ela impactaria o aprendizado infantil de como lidar com seus próprios desentendimentos. A direção pedagógica de educação básica de Kyoto nota que, apesar das maneiras infantis de lidar com disputas parecerem meio severas para os adultos, o que vemos no vídeo é uma maneira tipicamente infantil de resolver um problema social infantil. Quando educadores interferem muito rapidamente, as crianças perdem oportunidades de experimentarem interações sociais complexas, e de encontrarem suas próprias maneiras infantis de solucionar conflitos. Este é um exemplo típico de como a cultura interfere na maneira de educar as crianças, e, consequentemente, em seus modos de interagir e conhecer a si mesmas.

Poderíamos trazer aqui inúmeras situações em que bebês e crianças pequenas buscam avidamente por interação, seja com as outras crianças ou com os adultos, mostram suas intenções, ajustam seus gestos e comportamentos, entram num círculo imitativo sem fim, divertem-se e aprendem uns com os outros.

Ao longo deste texto procurei ressaltar o papel e o valor das interações como foco da observação e ponto de partida para que os educadores reconheçam e valorizem a creche como um lugar rico para aprender a conviver, aprender sobre si e o outro, aprender a expressar-se, a brincar, explorar e participar.

Que possamos manter ao longo da vida esse ímpeto em estar com o outro e coletivamente criarmos um mundo melhor para todos.

**Cisele Ortiz**

ciseleortiz@gmail.com

### Referências

ALMEIDA, L. R. de. A questão do eu e do outro na psicogenética walloniana. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 31(4), p. 595-604, outubro-dezembro 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000300013>>. Acesso em: 24 set. 2022.

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2022.

GALVÃO, I. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_20\\_p033-039\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p033-039_c.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2022.

Gratiot-Alfandéry, H. *Henri Wallon*. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-115761/henri-wallon.>>. Acesso em: 24 set. 2022.

HOYUELOS, A.; RIERA, M. A. *Complexidade e relações na educação infantil*. São Paulo: Editora Phorte, 2019.

KÁLLÓ, E. La pedagogia Pikler-Lóczy de educación infantil, Monográfico/Tema del mes, *Revista RELAdEI*, v. 5, n. 3, p. 15-20, Setembro, 2016.

LÓPEZ, M. E. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. São Paulo: Instituto Emília, 2018.

MONTES, G. *El corral de la infancia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

STAMBACK, M. *Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos*. Campinas: Autores Associados, 2011.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone Editora, 2016.

Para saber mais, visite:

<https://www.youtube.com/watch?v=KsejC6Yh5E4&t>

<https://avisala.org.br/index.php/assunto/sustanca/apoio-para-a-resolucao-de-conflitos/>

<https://avisala.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Obrigada-maquinista.pdf>

<https://www.bbc.com/future/article/20191212-japans-deep-connection-to-childish-relationships>